

## **Naturalidade dos sistemas e conseqüências na aprendizagem**

Maria Cecília Mollica (UFRJ/CNPq)

Na palestra, tenho o objetivo de demonstrar como os princípios imanentes dos sistemas das línguas podem ser úteis no letramento escolar. Na medida em que os falantes têm a compreensão do funcionamento natural de sua língua, o processo de apropriação de leitura e da escrita se torna natural e de fácil compreensão.

É importante saber então que todas as línguas do mundo são dinâmicas e que suas unidades de diferentes níveis, extensão e complexidade podem coexistir com outras de igual valor de verdade e/ou serem substituídas. O caráter heterogêneo imanente nas línguas é inerente e, em contrapartida, convive com forças de estabilidade que estruturam os sistemas em suas invariâncias, legando-lhes identidade e coesão próprias. Esses conceitos são naturais e não podem ser desconhecidos pelos alunos.

Marcas regionais predominantes numa dada comunidade lingüística, facilmente identificadas geograficamente, são normalmente denominadas de marcadores, dialetos geográficos, falares regionais ou simplesmente dialetos. Já características de uma dada comunidade lingüística, identificadas do ponto de vista da estratificação social, são rotuladas como indicadores ou dialetos sociais ou ainda registros. O termo registro, por tradição, é usado também quando se leva em conta o estilo e/ou o contexto em que se produz o enunciado, a partir do momento em que é relevante a consideração do grau de formalidade do evento da fala e do tipo de interação pragmática. Essas distinções não são tão rígidas, pois as alternâncias não se instalam nas línguas dicotomicamente. As formas em variação projetam-se num contínuo, o que significa dizer, por exemplo, que o tratamento *tu* em 2<sup>a</sup> pessoa assume predomínio na região Sul do país, mas seu emprego pode aparecer em todo território nacional, assim como a ausência de concordância de número em sintagma nominal, aparentemente exclusiva de

falantes menos escolarizados, emerge na fala de usuários extremamente cultos.

A postura mais adequada é a de evidenciar tendências, descartando-se concepções ortodoxas. A compreensão de que há variação em todos os níveis deve contemplar a idéia de que as alternativas de uso não ocorrem aleatoriamente, mas são motivadas por um conjunto complexo de parâmetros, que constituem os condicionamentos ou variáveis que favorecem ou inibem o emprego de variantes. Os diferentes condicionamentos para a emergência de usos variantes são as variáveis, que não agem isoladamente. De modo geral, elas são muitas e atuam simultaneamente além de terem natureza diversa. Por exemplo, estudos demonstram que enunciados longos tendem a perder substância fônica em função da dificuldade de processamento e/ou do princípio de economia ou da lei do menor esforço. Portanto, questões internas ao sistema, (que lhe são inerentes), co-atuam com forças de fora do seu universo, as chamadas variáveis extralingüísticas.

Admite-se que exista pelo menos uma variedade *popular* e uma variedade *standard* (norma ou padrão). Entende-se por padrão culto um certo conjunto de marcas lingüísticas em acordo ou desacordo com os cânones da tradição gramatical: a variedade *não-standard* é própria da modalidade oral, utilizada em contextos informais, em discurso espontâneo não planejado. Ela se diferencia da denominada variedade culta, que se compõe de empregos típicos de discurso planejado, utilizada predominantemente na escrita e comprometida com a tradição literária. A polarização entre as duas variedades mencionadas não reflete fielmente a realidade de uma língua. Os padrões lingüísticos se distribuem de forma escalar. Os outros padrões distribuem-se num contínuo imaginário entre um pólo positivo (maior ajuste à norma culta) e um pólo negativo (menor ajuste à norma culta), sem se atribuir qualquer valor intrínseco positivo ou negativo.

Há mais de um tipo de perspectiva a adotar diante dos padrões lingüísticos. Não se elege qualquer padrão ou paradigma como melhor ou pior para servir de base para avaliações. Ao observador cabe descrever e analisar os diferentes usos, considerando seus contextos e chances de ocorrência de tal maneira que a língua não se coloque como alvo de julgamento. De acordo com a atitude adotada, *erro* constituirá ou não uma questão a ser considerada. Algumas confusões podem e são geradas normalmente a partir daí. Ao relativizar o enfoque quanto ao uso da língua, o lingüista não está avogando o caos, o “vale tudo”. Introduce-se o respeito e a aceitação a qualquer manifestação de língua, desde que compreendida como própria a usos diversos, que invocam dialetos e estilos lingüísticos diferentes, igualmente possíveis e previsíveis aos falantes de uma língua.

Em parceria com a área de Educação, a Lingüística incorpora a variação lingüística como um conceito importante que deve ser considerado pedagogicamente. Ao contextualizar a variação interna e externa às línguas, a Ciência da Linguagem assume-a controlada e seu esforço volta-se na direção de diagnosticar o *status* estável ou mutável da variação. O produto final de sua descrição deve atentar para a discussão da possibilidade de existência de uma mudança em curso ou em recuo no sistema, cabendo ao lingüista legitimar qualquer forma e prognosticar o futuro da língua.

Esses conhecimentos, aplicados em muitas dimensões do mundo, são extremamente importantes na formação do professor, seja no aperfeiçoamento de material didático, seja no aprimoramento do processo de aprendizagem mais eficaz do aluno na escola durante o letramento. No que tange à formação do professor, não é difícil compreender que assumir visão mais aberta quanto às potencialidades dos falantes de uma língua constitui postura tanto mais real quanto mais ampla para entender questões e dificuldades implicadas no ensino de uma língua, em geral, e no de português, em particular. Há que se salientar que os obstáculos que se encontram na construção de uma pedagogia de língua são muito

diversificados: há questões referentes ao objeto de ensino e à maneira de ensinar. O professor mais consciente torna-se, sem dúvida, um profissional com maiores chances de propor soluções aos desafios cotidianos. No que tange ao material didático, as pesquisas sobre o português falado e escrito têm muitas contribuições a oferecer. O diagnóstico de fatores atuantes para o emprego de formas variantes constitui subsídio precioso à montagem de exercícios e propostas de trabalho.

É importante indagar então (1) Em que medida e em que dimensão as variações regionais devem ser respeitadas ou coibidas? (2) Como trabalhar pedagogicamente as alternâncias que são mais definidas quanto à distribuição dos indivíduos na escala social? (3) Quais os procedimentos pedagógicos a adotar para as variantes negativamente marcadas do ponto de vista social, mais estigmatizantes? (4) Que princípios mais gerais podem-se postular como subsídios fornecidos pelas descrições sociolinguísticas por parte dos pesquisadores sobre o português falado e escrito? (5) Até que nível ou limite o sociolinguista pode chegar na contribuição aplicada de seus estudos? (a) Somente na formação do professor? (b) Somente no fornecimento dos elementos para a constituição de uma metodologia pedagógica confeccionada por outros profissionais? (c) Somente trabalhando em parceria com pedagogos e especialistas de outras áreas na confecção de material didático? (d) Percorrendo todos os caminhos de modo a chegar a atingir o nível de construção, indicação, aplicação e testagem de estratégias didático-pedagógicas, ressaltando os fenômenos variáveis?

Como frisamos, os estudos sociolinguísticos têm contribuído mais fortemente para a formação do professor, no nível da conscientização do educando, no que se refere à heterogeneidade da língua e seus princípios mais gerais. A segunda parte da palestra pretende avançar em direção ao público-alvo, chegando perto do aluno, de suas necessidades como aprendiz da variante *standard*, por meio de propostas pedagógicas próximas ao conhecimento que o falante possui naturalmente da língua. Para isso, é

necessário estabelecer algumas diferenças, levando-se em conta o critério que distingue estratégias voltadas para a fala e estratégias voltadas para a escrita. A partir daí, torna-se interessante classificar os fenômenos como se segue: (a) fenômenos fonológicos que merecem trabalho pedagógico voltado para a escrita - para esses fenômenos, a preservação de quaisquer variantes na fala não implica conseqüências estigmatizadoras de qualquer natureza para os falantes; (b) fenômenos fonológicos que merecem trabalho pedagógico voltado para a fala e para a escrita; (c) fenômenos morfossintáticos que merecem metodologia pedagógica voltada tanto para fala quanto para a escrita. Na palestra, fornecemos os exemplos de (a), (b) e (c) e a forma mais natural de trabalhá-los. Propostas interativas serão exibidas, com a finalidade de ilustrar ações afirmativas do mundo virtual contemporâneo e a demonstrar como se pode implementar um trabalho indissociável entre Português e a Matemática.